

A ameaça climática

António Costa Silva (Professor do IST)

O clima é um dos sistemas mais complexos que existem para ser modelado matematicamente. Repousa na interacção entre o oceano e a atmosfera, nas trocas de energia, no papel das nuvens, na maneira como a Terra absorve a radiação solar. A simples variação dos parâmetros orbitais da Terra pode provocar um aumento ou diminuição acentuada da radiação solar e isso explica alguns períodos anteriores de grande aquecimento ou de intensa glaciação.

Por isso alguns cientistas são cépticos sobre a possibilidade de estarmos a assistir a uma mudança estrutural do sistema climático e defendem que estas são alterações pontuais como as que já existiram no passado. A opinião destes cientistas deve ser respeitada e debatida embora existam hoje evidências, como o sublinha o recente relatório do painel da ONU, que estamos perante uma mudança estrutural com grande probabilidade desta ser induzida pelo homem: os eventos extremos são mais frequentes, alguns dos anos mais quentes de sempre são da última década, o degelo dos glaciares cresce em cada ano, a espessura das calotes polares diminui.

O problema é que o debate tem-se centrado nas incertezas da ciência mas o relatório de Nicholas Stern, feito em 2006 para o governo inglês, mudou o foco da discussão e trouxe-a para o terreno da economia. Stern mostra que o custo da inacção pode ser dramático: o PIB global pode diminuir 20% nas próximas décadas se nada se fizer, o que significa lançar na pobreza vastas regiões do planeta. Ele mostra que se actuarmos já gastamos 1% do PIB global para salvar os outros 20%. O relatório não é perfeito: alguns economistas contestam números e métodos de quantificação dos custos. Esse debate deve continuar mas não nos deve desviar do essencial: é preciso agir. E para isso há 4 questões importantes.

A primeira: reconhecer que até hoje fizemos muito pouco e é preciso novas políticas e novos planos de acção. Veja-se o caso de Portugal: um estudo recente do INE mostra que para produzir uma unidade de riqueza em 2004 o país lançou para a atmosfera a mesma quantidade de gases com efeito de estufa que em 1995. Apesar da retórica, Portugal nada fez para descarbonizar a sua economia.

A segunda questão: a redução das emissões só terá êxito se estiver ligada a mecanismos de mercado que a promovam. O sistema europeu de comercialização de emissões é um começo mas não basta: é preciso refiná-lo, apoiar-se numa maior transparência dos dados e do mercado e ser estimulado por políticas públicas empenhadas. É preciso criar um mercado do ambiente aberto que vá da água à biomassa, aos resíduos, à reciclagem e aos esgotos. A redução de emissões não penaliza a economia, estimula-a e é viável do ponto de vista da análise custo/benefício.

A terceira: é preciso actuar ao nível dos maiores centros poluidores, as centrais térmicas e eléctricas e o sistema de transportes. A conversão das centrais de carvão para gás, o aproveitamento do potencial hidroeléctrico, o reforço da utilização das energias renováveis, os programas de poupança e eficiência energética, a aposta na tecnologia e na inovação como a sequestração do carbono e as nanotecnologias, são imperativos. No sistema de transportes é importante a promoção dos carros híbridos e 'flexi-fuel' e o estímulo à produção e uso dos biocombustíveis.

A quarta questão: é preciso mobilizar os cidadãos. Vivemos hoje num mundo em que a economia é global e o governo é local. Esta contradição acentua a crescente irrelevância política das instituições que nasceram depois da II Guerra Mundial. Elas não funcionam e os governos também não. Temos um problema de governação global do planeta. E temos de mudar a forma como produzimos e utilizamos a energia para sustentar a ameaça climática. É preciso reestruturar o funcionamento da economia e isso só se pode fazer com cidadãos mobilizados e esclarecidos. Temos de acabar com a velha mentalidade de que os bens públicos globais - o ar, as florestas, a água, o clima, a qualidade de vida - são bons para usarmos mas ninguém cuida deles. Cabe a todos e a cada um de nós contribuir para que o mais belo planeta do sistema solar ganhe o futuro.